

DEBORAH GAMA E RAFAEL LIMA

Poucos espetáculos conseguem atravessar décadas mantendo a mesma força. Menos ainda conseguem ganhar novos significados conforme o mundo muda. É justamente essa capacidade que acompanha “Wicked” desde sua estreia internacional e que agora desembarca, pela primeira vez, no Rio de Janeiro, depois de três temporadas de sucesso em São Paulo e de reunir mais de um milhão de espectadores no Brasil. A produção estreia nesta quarta-feira, 15, na Cidade das Artes Bibi Ferreira, na Barra da Tijuca, trazendo ao palco uma história que ultrapassa a fantasia de Oz para discutir amizade, preconceito, poder, identidade e a coragem de fazer escolhas.

Inspirado no romance de Gregory Maguire, o espetáculo revisita o universo criado por L. Frank Baum para contar o que aconteceu antes da chegada de Dorothy a Oz. No centro da narrativa estão Elphaba e Glinda, duas jovens completamente diferentes que constroem uma amizade improvável enquanto descobrem que o mundo costuma ser muito mais complexo do que as versões oficiais da história.

Mas se o cenário é fantástico, o impacto é profundamente humano. Essa é a percepção compartilhada por quem vive diariamente o espetáculo.

Para Myra Ruiz, que interpreta Elphaba desde a primeira montagem brasileira, a principal herança de “Wicked” vai muito além dos palcos. A atriz afirma que aprendeu que sustentar aquilo em que se acredita tem consequências, mas também representa o único caminho possível para permanecer fiel a si mesma. “A gente acredita no que acredita e vai atrás disso. Isso oferece consequências, oferece um preço, mas é preciso ter força. Wicked me inspira a bancar quem eu sou e as ideias que eu tenho sobre a vida e sobre o mundo”, afirmou ao Correio da Manhã.

A reflexão encontra eco na trajetória de Fabi Bang. Intérprete de Glinda, ela descreve a relação com o musical como algo inseparável da própria vida. Segundo a atriz, os anos dedicados à produção moldaram sua formação artística e pessoal. “O ‘Wicked’ é a minha faculdade de vida. É o que me formou como mulher, como atriz, como atriz empreendedora”, resumi.

Para ela, entretanto, o verdadeiro alcance da obra acontece do outro lado do palco. “É um espetáculo extremamente reflexivo porque mexe em feridas muito profundas, como rejeição, preconceito, domínio abusivo político e também fala da força da amizade feminina. Ele transforma não só



Superprodução entra em cartaz na Cidade das Artes Bibi Ferreira

Muito além de OZ

Musical já consagrado, “Wicked” desembarca no Rio



Elenco principal da montagem brasileira participa de coletiva

quem está no palco, mas principalmente quem está na plateia.”

Mais que fantasia

A dimensão política da obra também é apontada pelo ator Hipólito, responsável por interpretar o príncipe Fiyero. Carioca, nascido em Nova Iguaçu, ele acre-

dita que a força de “Wicked” está justamente na forma como temas sensíveis aparecem sem perder a delicadeza da narrativa. “Eu acho que a história de Wicked é muito política, ainda que não seja tão explícita. Pelo tema que é abordado, ela já me tocou muito no emocio-

nal desde a primeira leitura, desde a primeira vez que eu entendi o que essa história representava.”

Para o ator, a estreia carioca também carrega um significado pessoal. Depois de construir a carreira fora do estado, voltar para apresentar o espetáculo na cidade

onde nasceu representa uma espécie de reencontro. “Estou maravilhado. É como fazer em casa, para pessoas que estudaram comigo, que já trabalharam comigo. Essa é minha terceira vez na Cidade das Artes e é um lugar que sempre me faz revisitar essa emoção profissional.”

O sentimento de retorno também acompanha o diretor e coreógrafo Ronny Dutra. Nascido em Nilópolis, criado entre São Paulo e Brasília, e que há quinze anos vive em Nova York, ele vê a temporada carioca como um reencontro com suas próprias origens. “Tem algo muito especial em poder estar de volta à minha terra. O Rio tem uma magia de arte muito especial e incandescente. Tem alguma coisa sobre o sangue no olho, o vigor do público carioca, do talento carioca. É contagiante.”

Ao chegar finalmente ao Rio de Janeiro, depois de anos sendo aguardado pelo público carioca, o espetáculo carrega toda a estrutura tecnológica que marcou suas temporadas paulistas, com efeitos de ilusionismo, sistemas de voo e projeções desenvolvidas especialmente para a produção brasileira.

Mas, curiosamente, nenhum desses recursos parece ser apontado pelo elenco como sua principal força. Nas conversas com o Correio da Manhã, todos voltam ao mesmo ponto. Seja falando sobre coragem, amizade, preconceito, identidade, política ou pertencimento, as respostas acabam convergindo para uma ideia simples: por trás das bruxas, da Cidade das Esmeraldas e da fantasia de Oz, “Wicked” continua emocionando porque fala, acima de tudo, sobre pessoas.